

Gênero, Raça e Subjetividades nas Experiências do Projeto de Extensão Brincar de Fazer Cinema com Crianças¹

Ana Karolinnna Rodrigues Moraes²

Constantina Xavier Filha³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – PPGEdu/FAED

RESUMO

O presente trabalho, em andamento, objetiva compreender como as experiências vivenciadas por ex-participantes do projeto de extensão “Brincar de Fazer Cinema com Crianças” se relacionam às questões de gênero e de raça para a formação de subjetividades de crianças e pessoas adultas que participaram do projeto. A investigação utilizará a abordagem pós-crítica, fundamentada na etnografia de tela e análise documental, com foco nos materiais produzidos ao longo dos anos do projeto, de 2010 a 2024.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; gênero; raça; subjetividades; etnografia de tela.

INTRODUÇÃO

O cinema, enquanto artefato cultural (Viviane Camozzato, 2018), ocupa um lugar central na produção e reprodução de significados sociais, funcionando como uma prática que reflete e reconfigura as dinâmicas de poder, identidades e pertencimentos. Para Stuart Hall (2003), a cultura é um terreno privilegiado para a construção das identidades, pois é por meio dela que as representações sociais são elaboradas, disputadas e ressignificadas.

Nesse sentido, o projeto de extensão “Brincar de Fazer Cinema com Crianças”, com coordenação da professora Dra. Constantina Xavier Filha, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, não apenas possibilita a experimentação criativa no campo do cinema, mas também se configura como um espaço educativo em que marcadores sociais, como gênero e raça, são continuamente questionados, negociados, reinterpretados e subjetivados. Urge propiciarmos estudos que investiguem os significados atribuídos por ex-participantes do referido projeto para compreender as

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT05CO (Comunicação e Educação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Mestranda pelo PPGEdu-UFMS, email: ana.karolinnna@ufms.br.

³ Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEdu da FAED-UFMS, email: constantina.xavier@ufms.br.

relações entre tais marcadores e as experiências vividas durante as atividades extensionistas em escolas públicas da cidade de Campo Grande.

O projeto Brincar de Fazer Cinema com Crianças, que será alvo de análise e discussão na pesquisa de mestrado, iniciou-se no ano de 2010. Trata-se de um projeto de extensão realizado em escolas públicas municipais e estaduais da cidade de Campo Grande, MS. Do seu início até o ano passado, o projeto desenvolveu pressupostos teórico-metodológicos análogos com a utilização de estratégias brincantes e lúdicas com grupos de crianças do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental. As crianças participantes do projeto dialogam sobre temáticas levadas pelo projeto, em seguida passam a pensar sobre elas, estuda-las e são instigadas a transpor as discussões em linguagem cinematográfica do cinema de animação. Em seguida todo o processo de produção do filme é realizado na escola até o planejamento da edição.

A pesquisa de mestrado pretende mapear experiências do referido projeto de extensão, visando identificar e problematizar como ex-integrantes da equipe e crianças/adolescentes que participaram das ações do projeto consideram as temáticas estudadas na construção de suas subjetividades, em especial no que diz respeito ao gênero e a identidade racial.

Este estudo, em andamento, baseia-se na perspectiva de que as representações audiovisuais produzidas no projeto não são neutras, mas estão imersas em contextos de poder e interseccionalidade. Como argumenta Michel Foucault (1984), as práticas discursivas não apenas descrevem o mundo, mas criam realidades que se materializam em corpos, subjetividades e relações sociais. Assim, ao considerar o cinema como uma prática pedagógica produzida pelo artefato cultural - o filme -, entende-se que ele oferece um espaço privilegiado para refletir sobre questões como identidade, discriminação, subjetivação e pertencimento.

bell hooks (2019) enfatiza a importância de abordar a identidade desde a infância, argumentando que os processos educativos precisam ser compreendidos como possibilidades para o empoderamento e a transformação. No contexto do “Brincar de Fazer Cinema com Crianças”, esse empoderamento pode ocorrer ao oferecer às crianças um espaço seguro para que explorem e expressem suas dúvidas, seus questionamentos e demais aspectos das suas subjetivações, particularmente em relação às questões de gênero e raça ao produzirem filmes de animação.

Ao longo dos anos do projeto, as crianças participantes tiveram a oportunidade de criar narrativas audiovisuais que dialogam com suas experiências cotidianas. Essas narrativas, muitas vezes elaboradas a partir de um lugar de pertencimento e resistência, representam formas de disputar o imaginário coletivo, trazendo à tona histórias que frequentemente são silenciadas ou marginalizadas. De acordo com Nilma Gomes (2003), é essencial que os espaços educativos abordem as relações étnico-raciais de forma crítica, promovendo a valorização da cultura negra e combatendo as desigualdades estruturais que atravessam a sociedade brasileira.

A partir dessa perspectiva, o projeto “Brincar de Fazer Cinema com Crianças” oferece uma oportunidade para que as crianças não apenas reflitam sobre as discriminações que enfrentam, mas também produzam contra-narrativas que questionem as hierarquias sociais e preconceitos. Esse aspecto não ocorre somente com as crianças, mas com todas as pessoas adultas da equipe, por tais motivos é que pretendemos realizar a pesquisa para mapear atividades e experiências, bem como entender como crianças e pessoas adultas significam e ressignificam suas identidades e subjetividades a partir do que foi propiciado nos encontros dos projetos, bem como com a produção audiovisual.

Além disso, a discussão sobre gênero se torna indispensável para compreender as subjetividades produzidas no projeto. Guacira Louro (1997) argumenta que o currículo escolar e outras práticas pedagógicas desempenham um papel fundamental na construção das identidades de gênero, seja reproduzindo normas cristalizadas de gênero ou oferecendo espaços para sua desconstrução. No caso do “Brincar de Fazer Cinema com Crianças”, é possível observar como as atividades desenvolvidas criam um ambiente onde as crianças podem desafiar as normas tradicionais de gênero, explorando novas formas de ser e estar no mundo. Essa prática dialoga com o conceito de marcadores da diferença, que, segundo Louro, são categorias como gênero, raça, geração, classe, e outros, que estruturam as experiências sociais e os processos de subjetivação.

O uso do cinema como ferramenta pedagógica também se alinha à pedagogia de projetos, que valoriza a aprendizagem ativa e a construção colaborativa do conhecimento. Como observa Elí Fabris (2008), a produção audiovisual, quando integrada ao contexto educacional, não apenas estimula o pensamento crítico, mas também possibilita que os sujeitos se reconheçam como produtores de cultura e conhecimento.

Dessa forma, é fundamental situar este estudo no campo dos Estudos Culturais, que, como defendem Marisa Costa e Alfredo Veiga-Neto (2004), enfatizam a importância de analisar as práticas culturais como espaços de luta por significado. Essa abordagem é particularmente relevante para investigar o “Brincar de Fazer Cinema com Crianças”, já que o projeto opera na intersecção entre cultura, educação, cinema como arte e sociedade, promovendo práticas que possibilitam às crianças explorar suas histórias, confrontar desigualdades e ressignificar suas identidades. Ao utilizar conceitos como interseccionalidade, marcadores da diferença e subjetividade, esta pesquisa busca contribuir para a compreensão da complexidade das relações entre cinema, educação e as dinâmicas sociais que atravessam os(as) sujeitos(as) envolvidos(as).

Na pesquisa entendemos o conceito de interseccionalidade de acordo com os apontamentos de Patricia Collins (2015, p.1): “um campo de estudo que está situado dentro das relações de poder que estuda”, bem como “uma estratégia analítica que fornece novos ângulos de visão sobre os fenômenos sociais” e, ainda, como “práxis crítica que informa projetos de justiça social”. Essa abordagem é particularmente relevante para compreender as dinâmicas complexas de opressão e privilégio que permeiam a sociedade contemporânea.

A justificativa para este estudo, portanto, reside na necessidade de ampliar as discussões sobre o papel das ações extensionistas no enfrentamento das desigualdades educacionais e na promoção de uma educação que valorize a diversidade e as diferenças. Iniciativas como o “Brincar de Fazer Cinema com Crianças” demonstram como a educação pode transcender os limites da sala de aula, atuando como um espaço onde as crianças não apenas aprendem, mas também criam, refletem e ressignificam o mundo ao seu redor, o mesmo se aplica para a formação pessoal e profissional das pessoas acadêmicas da equipe, especialmente acadêmicos(as) que serão futuros(as) docentes.

O desejo de investigar o projeto de extensão se deve a minha participação como membro da equipe durante os últimos três anos. Pude experienciar a potência das ações e interações realizadas entre crianças e pessoas adultas, bem como o impacto na minha constituição de subjetividade como acadêmica e como profissional, igualmente observei isso ocorrer com as crianças e nas suas vivências na escola e fora dela. Investigar o projeto e seus impactos a partir das narrativas de ex-participantes, crianças e pessoas da equipe,

propiciará pensar para além do projeto bem como outras formas de ensinar e aprender, seja na escola ou em outros espaços sociais e culturais.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste projeto de pesquisa é fundamentada na abordagem qualitativa pós-crítica (Marlucy Paraíso, 2012; Dagmar Meyer, 2012), com o intuito de explorar as dimensões subjetivas, históricas e culturais das experiências dos(as) participantes, crianças e pessoas adultas, do projeto “Brincar de Fazer Cinema com Crianças”, focando nas questões de gênero e raça. A escolha por essa abordagem se alinha ao entendimento de que a análise de fenômenos educacionais deve englobar as múltiplas camadas de significação, levando em consideração as experiências pessoais, as narrativas coletivas e os contextos socioculturais que permeiam as produções dos sujeitos.

A pesquisa será conduzida três estratégias metodológicas: a) análise documental; b) etnografia de tela e c) entrevistas narrativas, que serão combinadas para fornecer uma compreensão abrangente das produções e experiências dos(as) participantes. A análise documental será realizada a partir do acervo do projeto, que reúne filmes, roteiros, registros fotográficos e matérias pedagógicos produzidos entre 2010 e 2024. A etnografia de tela (Patrícia Balestrin; Rosângela Soares, 2012), será utilizada como ferramenta para analisar os filmes produzidos pelas crianças no âmbito do projeto. Entendemos os filmes enquanto artefatos culturais, valorizando seus elementos estéticos, narrativos e simbólicos. Por fim, as entrevistas narrativas complementarão o estudo ao trazerem as vozes dos(as) participantes sobre suas vivências no projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os referidos pressupostos teórico-metodológicos, espera-se produzir uma análise abrangente e fundamentada das experiências vivenciadas no projeto “Brincar de Fazer Cinema com Crianças”, contribuindo para o debate acadêmico sobre as relações entre extensão universitária, educação e os marcadores sociais da diferença, bem como sobre os processos formativos docentes e as relações pedagógicas oriundas do projeto.

Por meio das análises a serem realizadas ao longo da pesquisa, pretende-se criar possibilidades de diálogo que articulem práticas extensionistas, educação e marcadores

sociais, com o objetivo de mapear processos e explorar relações entre os sujeitos, suas experiências e os contextos sociais em que estão inseridos. Assim, o estudo se propõe a ampliar as reflexões sobre como a educação pode se articular com dispositivos culturais como o cinema para discutir e problematizar as diferenças.

REFERÊNCIAS

- BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “Etnografia de tela”: uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, v. 2, 2012. p. 87-109.
- CAMOZZATO, Viviane. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em aberto**, v. 31, n. 101, 2018.
- CORRÊA, Laura Guimarães. Interseccionalidade: um desafio para os Estudos Culturais na década de 2020. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O que são estudos culturais hoje?** São Paulo: Pimenta Cultural, p. 123-141, 2022.
- COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- FABRIS, Elí Henn. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação e Realidade**, v. 33, n. 1, p. 117-133, jan./jun., 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/ago. 2003.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, v. 2, 2012. p. 47-62.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, v. 2, 2012. p. 23-46.